



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O LIVRO ILUSTRADO: UMA LEITURA DE *MINHA AVÓ DE 100 ANOS*, DE ANA LÚCIA DICHOFF

Cristiane de Oliveira Silva (UEMS/CG)¹
Susylene Dias de Araujo (UEMS/CG)²
Rosicley Andrade Coimbra (UEMS/CG)³

Resumo: Este artigo se vale da apresentação da obra *Minha avó de 100 anos*, escrita por Anna Lucia de Almeida Dichoff, publicada pela editora Letraria em 2021. O livro, com ilustrações assinadas pelo ilustrador e roteirista de histórias em quadrinhos Luiz Gustavo Paulino de Almeida, realiza um belo diálogo entre o texto e a ilustração ao longo de quase 50 páginas e, de maneira harmônica, proporciona momentos de fruição e boa leitura a seus interessados. Iniciamos o texto apresentando algumas considerações sobre a literatura infantil no Brasil, dando destaque à produção do livro ilustrado na literatura infanto-juvenil brasileira. Na sequência, um apanhado sobre a produção literária em Mato Grosso do Sul, especialmente para comprovarmos o quanto a literatura deste estado precisa voltar seus olhos à produção local direcionada ao público infantil e juvenil, em pleno crescimento, conforme confirmamos na parte principal do estudo por apreciarmos criticamente a obra em destaque.

Palavras-chave: Livro ilustrado; Literatura infantil sul-mato-grossense; Sentidos.

Abstract: This article is based on the presentation of the work *Minha avó de 100 anos* written by Anna Lucia de Almeida Dichoff, published by Letraria in 2021. The book, with illustrations signed by illustrator and comic book writer Luiz Gustavo Paulino de Almeida, performs a beautiful dialogue between the text and the illustration over almost 50 pages and, in a harmonious way, provides moments of enjoyment and good reading for those interested. We begin the text by presenting some considerations about children's literature in Brazil, highlighting the production of illustrated books in Brazilian children's literature. Next, an overview of literary production in Mato Grosso do Sul, especially to demonstrate how literature in this state needs to turn its eyes to local production aimed at children and young people, in full growth, as confirmed in the main part of the study by to critically appreciate the highlighted work.

Keywords: Illustrated book; Mato Grosso do Sul children's literature; Senses.

1. Introdução

A literatura infantil contemporânea tem sido cada vez mais difundida nos ambientes da crítica, da teoria e da recepção da literatura. Na tentativa de uma definição, Peter Hunt (2010) trata de alguns aspectos considerados relevantes para uma definição e conclui que não deve

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras da UEMS em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. Branca.cristiane@hotmail.com.

² Docente da área de Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Campo Grande, Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina, UEL. susylene@uems.br.

³ Docente da área de Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Campo Grande. rosicleycoimbra@yahoo.com.br.



existir única terminologia para os livros direcionados ao público infantil, pois, da mesma maneira que algumas tensões permeiam o amplo sentido do termo “literatura”, a discussão sobre a literatura infantil também pode ser muito controversa e densa. Para Hunt, o que deve ser considerado na adjetivação da literatura infantil está na avaliação do “bom” livro, quando se toma como referência crítica sua eficácia para a educação, aquisição de linguagem, socialização/aculturação ou para o entretenimento de uma determinada criança ou grupo de crianças em circunstâncias específicas. O autor ainda destaca que o qualificativo “bom” está atrelado a algum sentido moral, religioso ou político; ou mesmo a um sentido terapêutico, como aplicação abstrata ou prática, mas também como direcionamentos que levam a crítica ao debate constante voltado à literatura infantil.

Na mesma direção, Teresa Colomer (2003) reflete sobre a literatura infantil e juvenil a partir da formação do leitor literário e da difusão dos livros direcionados a estes públicos. A autora destaca que os livros infantis e juvenis têm sido objeto de atenção e polêmica desde seu nascimento como fenômeno cultural no século XVIII, o que demandou destas obras reflexão e crítica em paralelo ao período histórico da época, de maneira semelhante ao que ocorre nos dias de hoje.

Tendo como perspectiva a experiência vivenciada na sociedade catalã do século XX, Colomer observa que o crescimento editorial registrado nos anos de 1980 pode ser tomado um levante para que os livros direcionados a crianças e jovens alcançassem espaços que garantissem *a leitura livre das obrigações escolares* (COLOMER, 2003, p. 31). Esse cenário nos remete ao modelo do Brasil, cujas bases da formação do leitor infantil estão estabelecidas no período histórico correspondente aos anos da República Velha; logo, em nosso país, verificamos que, ao longo dos anos, a literatura para crianças e jovens passa por reformas e revoluções na cultura, enfrenta décadas de luta política pela democracia e desemboca em tempos modernos, de ruptura com a estética tradicional. Diante deste quadro, chegamos a contemporaneidade da produção colhendo bons frutos das sementes plantadas entre os idos de 1960 e 1970, quando instituições e programas nacionais voltados ao incentivo à leitura e literatura infantil são amplamente fomentados. No que diz respeito aos últimos anos, compreendidos como anos de valorização da ilustração no livro infantil, com destaque para a quantidade e a qualidade dos livros produzidos no Brasil, impulsionados por premiações específicas e pelo avanço de abordagens metodológicas, a produção tem sido cada mais crescente.



Fazendo um recorte mais específico, destacamos que em Mato Grosso do Sul, um dos estados mais jovens da federação, a historiografia conta com importantes registros que reúnem um compêndio de autores e livros representativos da literatura local e, no caso dos autores, pesa não apenas o fato de terem nascido no estado, mas suas escolhas temáticas e ainda o esforço pela circulação das obras. Destacam-se neste conjunto os seguintes títulos: *História da Literatura Sul-Mato-Grossense*, de José Couto Vieira Pontes (1981), *A literatura Sul-Mato-Grossense*, de Maria da Glória Sá Rosa e Albana Xavier Nogueira (2011) e *Antologia de Textos da Literatura Sul-Mato-Grossense*, de Maria da Glória Sá Rosa, Albana Xavier e Maria Adélia Menegazzo (2013). São registros nos quais encontram-se referências importantes para leitores em busca da melhor expressividade da poética local reunida e organizada pela sensibilidade crítica de seus organizadores. Porém, o que chama atenção na composição dos nomes constantes nas antologias mencionadas é a ausência de autores que se debruçaram ou que tenham se dedicando à literatura infantil e juvenil em Mato Grosso do Sul, ou seja, trata-se de uma lacuna cujo inventário ainda está por ser feito.

O que propomos neste trabalho é analisar o livro *Minha avó de 100 anos*, de Anna Lucia de Almeida Dichoff, publicado em 2021, e destacar como o texto verbal e a ilustração, as imagens, trabalham na construção de sentidos e significados. O livro ilustrado é uma categoria que se soma ao *corpus* já bastante problemático das definições de literatura infanto-juvenil. Nesse sentido, o livro ilustrado, como bem observou Peter Hunt (2010), padece de uma desvalorização por conta do que os críticos mais tradicionais consideram como simplificação da linguagem. Talvez o que falte para a crítica é modificar seu olhar sobre o livro infantil e, sobretudo, ao livro ilustrado.

Além disso, espera-se contribuir para a construção de uma historiografia da literatura infanto-juvenil em Mato Grosso do Sul.

2. O livro ilustrado

O que caracteriza o livro ilustrado é a complexidade da relação entre o verbal e o visual. Diferentemente de um livro com ilustração, o livro ilustrado busca traduzir em imagens o texto verbal. Assim, podemos afirmar que toda ilustração é também uma interpretação. Porém, é preciso fazer uma ressalva: o olhar da criança sobre as coisas é diferente do olhar do adulto. Desse modo, o ilustrador de livro infantil precisa ser perspicaz e tentar encontrar um equilíbrio entre o que uma criança constrói enquanto imagem mental e o que o livro apresenta. A criança ou adolescente interpreta o mundo e suas imagens de maneira diferente. Mas isso não

Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, vol. 17 n° 01 (2024): e12818

ISSN: 2358-8403

<https://doi.org/10.30681/real.v17i01.12818>



deve ser visto como um problema, pois de alguma maneira acontece uma aproximação entre adultos e crianças através do livro ilustrado.

O livro ilustrado possui uma importância que deve ser considerada. Além de ajudar no processo de compreensão do mundo através de imagens e interpretações, também ajuda na compreensão da própria existência humana. Outro ponto, é que o livro ilustrado serve de limiar para a entrada da criança no mundo da literatura e da arte. A maneira de ler um livro ilustrado é mais dinâmica, diferindo da leitura de um texto verbal, cujo processo é mais linear. Segundo Peter Hunt, o livro ilustrado não limita o leitor apenas ao verbal; suas “páginas podem ser vistas em termos de aberturas e de livre exploração das interações de dois meios” (HUNT, 2010, p. 234). Nesse sentido, podemos dizer ainda que o leitor tem uma certa liberdade de explorar as páginas do livro livremente, fazendo livre uso da imaginação. Há vezes em que a ausência de palavras é preenchida pelo uso da inteligência e imaginação. Isso apenas confirma que o livro ilustrado abre a possibilidade de produção de mais sentidos além daqueles que apenas as palavras poderiam sugerir. Essa abertura permite ainda que a subjetividade do leitor entre em ação durante o processo de leitura, proporcionando um sentimento de pertencimento ao experimentar e criar sentidos.

Nilce Pereira chama a atenção para o aspecto dialogal da relação entre o verbal e o visual. Além disso, a autora destaca que na análise dessas relações deve-se considerar também “a seleção do que deve ser descrito visualmente e o assunto a ser representado” (PEREIRA, 2009, p. 385). Como dito anteriormente, a ilustração é também uma interpretação do ilustrador, o que significa que ele faz escolhas de momentos do texto verbal que são possíveis e pertinentes de serem traduzidos em imagens. Trata-se, nas palavras de Pereira, de saber “o momento exato a ser ilustrado e a distância a partir da qual a cena será apresentada” (PEREIRA, 2009, p. 385).

Como percebemos, a ilustração de um livro leva em consideração o texto escrito, e mesmo assim não se trata de ilustrar qualquer fragmento desse texto. Do mesmo modo, a posição que a ilustração ocupará na página também é pensada, pois o efeito desejado e atingido depende dessa disposição espacial.

Fica, desse modo, destacado que o livro ilustrado traz uma série de questões críticas para serem pensadas. No momento, o que nos interessa é pensar como texto verbal e imagem trabalham no livro *Minha avó de 100 anos*.

3. Contextualização



Lançado em 2021, *Minha avó de 100 anos* estabelece um diálogo entre texto de Anna Lucia de Almeida Dichoff e as imagens do artista Luiz Gustavo Paulino de Almeida. Podemos adiantar que essa obra se caracteriza como uma proposta inovadora, sobretudo por se tratar de uma autora do Mato Grosso do Sul. Com muita sensibilidade, no livro em questão, a autora elege caminhos para que seus possíveis leitores tenham contato com temas sensíveis, como a relação intergeracional, a morte e o luto. E assim, com muita delicadeza e potencialidade artística, pelas páginas encadeadas, somos levados a compreender e a aceitar que nem sempre essas situações precisam marcar a infância como processos confusos ou conflituosos.

Logo na capa de *Minha avó de 100 anos*, a imagem da avó e do menino, protagonistas da história, aparecem abraçados e enternecidos e são destacados graças à realização de um projeto gráfico bem executado no qual predominam o planejamento apurado na escolha do formato, do número de páginas, tipo do papel, tipo e tamanho das letras, além da composição impressa da página, a diagramação e a encadernação em total harmonia. Em síntese, podemos dizer que os livros de literatura infanto-juvenil “bons” são aqueles que, além de serem pensados e escritos, visando a atingir um público específico, também consideram todo um trabalho estético no qual esteja implicado a presença do leitor, responsável pelas atribuições de sentidos daquilo que lê.

Começemos então comentando brevemente a capa do livro:



Figura 1. Capa de *Minha avó de 100 anos*

A disposição da ilustração, as cores, o estilo e, principalmente, a postura dos personagens já é um convite à leitura. Trata-se de uma cena que se repetirá de modos diferentes no interior do livro e se aparecerá no final. A capa, nesse sentido, faz com que a atenção do leitor seja projetada para o futuro, conforme observa Nilce Pereira. Segundo a autora, isso desencadeia uma série de previsões sobre o que acontecerá na história; “o leitor fará a leitura, esperando que os acontecimentos correspondam a suas expectativas preestabelecidas” (PEREIRA, 2009, p. 387). No caso da capa de *Minha avó de 100 anos*, o que vemos na capa são os dois personagens da história abraçados, o que sugere uma relação de afeto entre os dois, de amor entre avó e neto. Podemos conjecturar que essa seja uma das primeiras leituras realizada por um leitor não adulto. Esse leitor perceberá também as cores e os contornos e observará isso nas ilustrações seguintes. Enquanto abertura da própria história, a capa cria expectativas de leitura sobre o jovem leitor, confirmadas ou não durante a leitura. No tópico seguinte analisaremos mais algumas páginas do livro.

4. Um livro muito especial: o texto e as imagens

Na primeira página, a dedicatória a todos os vovôs e vovós do planeta Terra serve como uma espécie de “torcida” para que os avós possam levar uma vida feliz ao lado de seus

netos e descendentes. Na sequência, na página que dá início à história propriamente dita, a narrativa em si revela a conexão que se processa entre o texto e a imagem dando ao livro ares de modernidade, ainda que a narrativa seja iniciada pelo clássico: “Era uma vez...” (DICHOFF, 2021, p. 6-7).



Figura 2: *Minha avó de 100 anos*

Minha avó de 100 anos conta a história de um menino que narra a oportunidade, que do seu ponto de vista é uma oportunidade mágica, de conviver com a avó de 100 anos, o que causa espanto e curiosidade entre as pessoas, especialmente aos amigos da sua idade, para quem ele faz questão de falar sobre essa experiência. O que se destaca nessa primeira imagem é o olhar que o menino/narrador lança sobre o leitor, como uma espécie de convite para conhecer sua história junto com essa avó de 100 anos. Ao mesmo tempo que o “Era uma vez...” introduz a história, o olhar do menino convida o leitor a também fazer parte dessa história.



Figura 3: *Minha Avó de 100 anos*

E assim, ao longo de mais de 40 páginas, *Minha avó de 100 anos* conta episódios do encontro e da convivência entre um menino e sua avó de 100 anos. Dessa forma, a criança que é apresentada como uma criança feliz se declara ainda como uma criança privilegiada por conviver com sua avó, uma senhora pequenina, de cabelos parecidos com nuvens de algodão, demonstrando a riqueza plástica do livro ao associar a maciez e brancura dos cabelos a avó às nuvens.



Figura 4: *Minha Avó de 100 anos*

Da página inicial à página acima destacada, ponto alto da boa relação entre os protagonistas, o *layout* da obra divide-se entre imagens e textos que não seguem uma linearidade definida, dando ao menino protagonista oportunidade de exaltar as qualidades de sua avó, nascida “num tempo bem longe, do tipo que a gente nem imaginava” (DICHOFF, 2021, p. 10-11).

Seguindo uma atmosfera de bom relacionamento entre avó e neto, a expectativa da tranquilidade impressa só é quebrada pela alteração que se inscreve no discurso e na imagem trazidos como elementos propulsores da realidade, fazendo com que o tema da morte seja abordado. Nesse momento, não há imagens da avó ou do menino, mas apenas um vazio representado por uma janela e suas cortinas esvoaçantes.



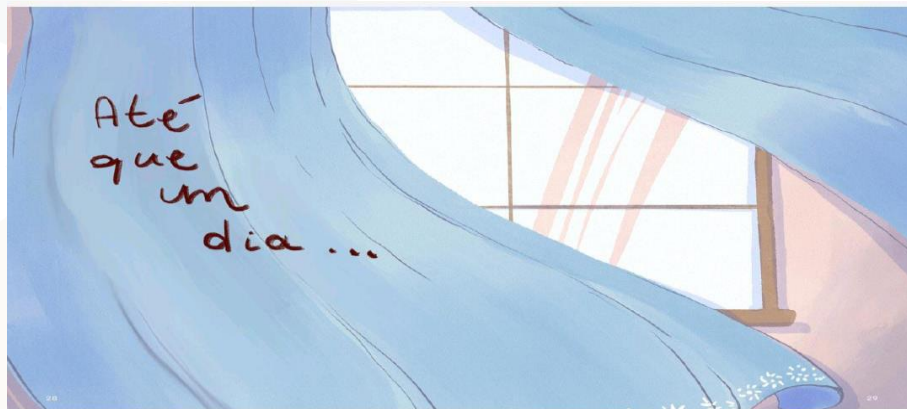


Figura 5: *Minha avó de 100 anos*

O que seria interessante analisar nessas duas sequências de imagens (Figuras 4 e 5) é o fato de o menino ter comparado os cabelos da avó a nuvens de algodão e em seguida surgir a imagem de uma janela com as cortinas esvoaçando e o dizer: “Até que um dia...” (DICHOFF, 2021, p. 28-29). O que fica sugerido nessas duas sequências é a temporalidade, ou seja, a ideia de como o tempo passou e a avó foi embora. Também há uma sugestão das nuvens, comparadas aos cabelos brancos da avó, de qual foi o destino dela. O mistério é instalado nessa sequência.

A imagem seguinte não explica claramente o que aconteceu com a avó. O texto verbal é eufêmico e diz apenas que a “avó dormiu e não mais acordou”. Trata-se de um eufemismo tradicional para se referir a morte. A avó não morreu, mas dormiu e não acordou. Entretanto, a imagem do menino com os olhos marejados é um indício de que não mais verá a avó. O leitor pode ser fisgado por essa imagem e construir um significado diferente do que o texto verbal sugere. Afinal, dormir não é tão ruim assim! Notem como a imagem permite ao leitor ir construindo uma outra narrativa na qual a vivência ainda sem grandes experiências vai tentando interpretar o acontecimento. O texto neste ponto pode se apresentar como um desafio ao leitor. O desconhecimento do destino da avó do personagem pode levar esse leitor a conjecturar respostas.



Figura 6: *Minha avó de 100 anos*

De acordo com o texto e as ilustrações das páginas destacadas, na perspectiva daquilo que a autora entrega ao público, o luto e a morte são encarados pela criança não apenas como uma relação de perda, mas como uma parte do ciclo natural da vida. E assim, *Minha avó de 100 anos* poderia ser lido como um livro que, simbolicamente direcionado às crianças, se revela como obra a ser recepcionada pelo público de todas as idades.

Na transmissão da mensagem, o colorido da infância e a capacidade do menino de projetar-se na realidade do outro, imaginando coisas já vividas pela sua avó ao longo de seus 100 anos constituem-se como pontos altos do livro. Em nenhum momento, a idade da avó, *contada por números que não cabiam nos dedos das mãos e dos pés do menino* relaciona-se com a ideia de fim, embora a morte esteja no desfecho. Neste caso, o que poderia denotar o fim é ressignificado e a imagem angelical da avó toma conta do livro dando espaço à metáfora da morte vista como transformação ou mudança do plano material para o plano celestial, ilustrado pela imagem da avó que ganha asas e voa entre nuvens. De alguma maneira, as imagens anteriores da avó e seus cabelos como nuvens, o dia de sua partida e tudo mais, são direcionados para esta imagem.



Figura 7: *Minha avó de 100 anos*

Destaca-se nesta parte da narração, a ênfase no papel da mãe como o apoio que a criança precisa para enfrentar a perda com mais entendimento e leveza. E então, a morte como uma espécie de transmutação, algo muito comum em nossa sociedade, atenuam a dor e o trauma que podem ser traumáticos na formação de uma criança.

Na parte final do livro, em uma belíssima sequência de páginas duplas, um breve impasse se instala na fertilidade da imaginação infantil e, tomado pelo aprendizado, com maturidade para lidar com a perda, o menino diz: “Sabe de uma coisa? Aprende desde pequeno a encontrar a vovó e sempre dizer: – ‘Bença vó’, daí pensei: – ‘E agora?’ – ‘Pra quem vou pedir a benção?’” (DICHOFF, 2021, p. 34-35). Diante da falta, a ideia de pedir a benção para a pessoas mais velha que ele pudesse encontrar, atitude que certamente não substituiria sua avó, mas que serviria para atenuar a saudade. O luto vai aos poucos sendo trabalhado.

E assim, por falar em saudade, sentimento que geralmente fica depois da perda de alguém querido, o livro finaliza com uma espécie de aconselhamento do personagem a respeito das avós: “E se você tem uma avó de qualquer idade, aproveite para pedir a benção e dar um longo e apertado abraço” (DICHOFF, 2021, p. 40-41). O que também é perceptível no livro é como a autora encontrou um tom equilibrado para falar de tema tão difícil, a morte. A ilustração também procura por esse equilíbrio, aliviando o peso da perda.

5. Considerações Finais

Em boa parte dos livros para leitores iniciantes, observa-se que a ilustração se constitui em um acontecimento narrativo que oferece informações que o texto escrito, em geral, enxuto para se adequar à competência textual do destinatário, não oferece. Essa interação entre





linguagem visual e verbal, palavras e imagens, dividem espaço no livro, enriquecendo seu aspecto visual e estimulando a criança a aflorar sua sensibilidade e possibilidades de construir sentidos e significados a partir das ilustrações, das linguagens e seus efeitos.

Além da quebra da linearidade com o mistério das imagens, o texto apresenta elementos que são fundamentais na formação do indivíduo. No caso de *Minha avó de 100 anos* podemos destacar a presença de um problema (a morte da sua avó), de um desafio (superação e aceitação do luto) e do elemento mágico que surge como ajuda para superar a dor (a imaginação, sua avó foi levada pelos anjos para viver em um lugar melhor e encontrar pessoas queridas). Assim, a autora fecha a narrativa com a mesma leveza dos anjos levando a avó para o céu. O texto sai do empírico para o lírico, não termina na imagem, mas na palavra. Não é apenas uma avó, é a Constância, um nome ilustrativo daquilo que é constante, que não morre, que está sempre vivo. No caso da avó, está no céu em sua infinitude e seguirá constante na memória.

Como tentamos demonstrar, analisar o livro ilustrado e considerar o visual como parte da leitura do verbal é enriquecedor. Além disso, permite ao leitor exercitar também sua imaginação. E o principal, o livro ilustrado apresenta como algo a mais a possibilidade do exercício da liberdade, pois as imagens permitem escapar daquilo que foi pensado pelo próprio ilustrador ao traduzir passagens do texto verbal. As imagens inserem uma outra camada sobre o texto verbal. É nesse sentido que encerramos este trabalho afirmando que a leitura de um livro ilustrado é dupla. Além do verbal, que por si só já favorece a imaginação, o visual também o faz e eleva as formas do leitor conhecer o mundo. Lê-se ao fim duas narrativas, uma construída pelo autor e ilustrador, e outra construída pelo leitor.

Referências

- COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- DICHOFF, Anna Lucia Almeida. **Minha avó de 100 anos**. Corumbá: Letraria, 2021.
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Trad. Cid Knipel. São Paulo: CosacNaify, 2010.
- PEREIRA, Nilce M. Literatura, ilustração e o livro ilustrado. In: BONNICCI, Thomas & ZOLIN, Lucia Osana (orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3ª. ed. rev. e ampl. Maringá: Ed.uem, 2009.